

## UMA ANÁLISE FILOSÓFICA DA MORTE NA OBRA “A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS” DE MARKUS ZUSAK.

Andréa Silva de Lima Alves<sup>1</sup>; Emmanoel de Almeida Rufino<sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Discente no Curso Técnico de Controle Ambiental Integrado ao Ensino Médio - IFPB. e-mail: andreasilva\_22@outlook.com*

<sup>2</sup> *Professor de Filosofia – IFPB; Mestre em Filosofia (UFPB); Doutorando em Educação (UFPB). e-mail: emmanoel.rufino@ifpb.edu.br*

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.*

**Resumo do artigo:** Neste trabalho interligamos a abordagem do tema “morte” na sociedade contemporânea, que vem sendo abordado como um assunto privado e tecnicamente controlado, com as análises filosóficas da narradora da obra de Markus Zusak “*A Menina Que Roubava Livros*”: A Morte. Para nossa narradora (a Morte) uma grande parte dos seres humanos que vivenciam um espaço de tempo cibernético, desumano e opaco durante a Segunda Guerra Mundial (época em que se encontra a narrativa da obra de Zusak), se tornam indivíduos fragilizados e solitários, decorrentes das reflexões em relação à morte, onde é notável que a maioria dos homens inquietam-se com o “fim”. Nesse sentido, a inquietude da narradora possui como elemento primordial a reflexão das ações humanas. Diante dessas relações, este estudo se debruçará sobre a seguinte problemática: Qual a análise filosófica da Morte – narradora da obra de Zusak – em relação às ações/sentimentos dos seres humanos diante de um mundo em estado de guerra? Por meio dessa reflexão, desenvolvemos nossa investigação em duas etapas: analisamos as reflexões da nossa narradora em relação aos seres humanos e as ações ocasionadas pelos mesmos que instigam a presença da Morte. Assim sendo, nosso trabalho objetiva compreender como a experiência da Morte (narradora) – no desfecho da obra – pode nos ajudar a pensar sobre a inquietude de buscar o conhecimento sobre a morte e interpretá-la diante de determinadas situações. Sendo assim, é indiscutível que a escolha de Zusak em eleger a Morte como narradora de sua obra, busca explicar que a nossa narradora tenta explica-se a si mesma, sustenta a sua necessidade e sua existência, por um único motivo: os humanos.

**Palavras-chave:** A Menina Que Roubava Livros, Filosofia, Markus Zusak, Morte.

### INTRODUÇÃO

No passado (especialmente na Antiguidade), a filosofia – repleta de teorias e ensinamentos por grandes pensadores – foi considerada uma tradição que deu enorme destaque ao tema da aprendizagem da morte como um dos imperativos mais relevantes para os que buscam uma vida sábia. Na filosofia, Sócrates (470 – 399 a. C.) definiu o “amor a sabedoria”<sup>1</sup> como “preparação para a morte”, (mesmo sendo um tema tão amedrontador quanto instigante) onde refletir sobre o significado da morte é condição fundamental para se compreender o próprio sentido da vida.

No século XIX d. C., época dos grandes sistemas filosóficos, o tema *morte* parece ter perdido à preeminência crítica da Antiguidade, afastando-se – enquanto temática – da centralidade dos textos e sistemas filosóficos mais retumbantes; provavelmente Kierkegaard

<sup>1</sup> Etimologia da palavra grega Filosofia.

inaugurou uma nova perspectiva, abordada depois como “existencial”, representando a morte como algo que para cada um de nós é certo, mas cujo tempo é bem incerto. Já no século XX (considerado a “era da eletricidade”), com suas invenções como a lâmpada, automóvel e o telefone, o avanço dos pensamentos relacionados com o final da existência humana ainda inquietou os seres humanos que tratavam a morte como um tema distante que parece não os alcançar, porque eles se furtam a pensar na morte como um complexo “ponto final”.

Este pensamento, ainda vivenciado nos dias atuais, sublinha a morte como uma potência sempre presente que continuamente “ameaça” a vida. Nesse sentido, Freud considera a morte como um instinto próprio do ser vivo. Dado que a vida tem origem no mundo inorgânico, tende a retornar para a substância inorgânica: a vida tende para a morte.

Por esses motivos, os filósofos da existência<sup>2</sup> adquiriram o conhecimento desse dado sob a fórmula mais genérica da experiência da finitude humana. Para Heidegger (1889 – 1976), um indivíduo é o ser-para-a-morte. Esta interpretação significaria que entre as inúmeras possibilidades do homem, há uma que retrata a perspectiva da impossibilidade, ou seja, quando esta ocorre, todas as demais ficam excluídas.

Entretanto, nas últimas décadas, o tema “Morte” vem sendo intensificadamente discutido na sociedade ocidental como um assunto privado e tecnicamente controlado. Talvez, ao assumir a morte como narradora, a obra de Markus Zuzak “*A Menina Que Roubava Livros*” encarne uma nova temática onde seja manifestada a perspectiva da finitude, visto que a mortalidade faz parte da vida e que todos começamos a morrer exatamente no dia em que nascemos.

Nesse sentido, a inquietude da narradora possui como elemento primordial a reflexão das ações humanas. As intervenções feitas na narração da morte, com suas preocupações metafísicas, auxiliam para nós, mortais, que ela, nossa narradora, pode ser vista como um mistério incompreensível, porém deixar de existir é algo tão natural quanto existir, assim na sociedade contemporânea a (des)centralização à persistência do tema da condição da mortalidade do homem deve ser continua.

Diante disso, este estudo se debruçará sobre a seguinte problemática: Como pensar filosoficamente o tema da morte a partir do olhar narrativo da personagem Morte na obra “*A Menina Que Roubava Livros*”, de Zuzak, considerando as ações/sentimentos humanos que essa personagem contempla em meio ao contexto de guerra que os envolve?

---

<sup>2</sup> Pertencentes ao Existencialismo, uma escola filosófica do século XIX e XX, compartilhavam a convicção que o pensamento filosófico inicia com o sujeito humano, não meramente o ser pensante, mas os seus sentimentos, ações e sentimentos de um ser humano individual.

Assim sendo, nosso trabalho objetiva compreender como a experiência da Morte (personagem-narradora) – no decorrer da referida obra – pode nos ajudar a pensar sobre a inquietude de buscar o conhecimento sobre a morte e interpretá-la diante de determinadas situações. Para alcançarmos essa meta maior, desenvolveremos nossa investigação em duas etapas: analisaremos as reflexões da Morte (narradora da obra de Zuzak) em relação aos acontecimentos da guerra e, em seguida, analisaremos as ações ocasionadas pelos seres humanos que instigam sua presença, principalmente da “roubadora de livros”. A partir desses referenciais interpretativos, no segundo momento deste estudo investigaremos a relação entre a Morte narradora e a roubadora de livros, qual a visão que a Morte possuía sobre Liesel, um dos poucos seres humanos com quem ela cruzou em vida.

Na obra “*A Menina Que Roubava Livros*” podemos encontrar um cenário crítico propício para visualizarmos o desenrolar de uma guerra que atingiu o mundo e matou muitos seres humanos – judeus, negros, homossexuais, ciganos, comunistas etc. – implantando a falta de esperança, um ambiente devastado, frio, repulsivo e lastimoso. Entretanto, a Morte, que, embora visualizemos habitualmente, tétrica, terrível, devastadora e por mais que queiramos nos esconder dela para prevalecer nossa finitude, a mesma nos traz uma novidade reflexiva: o medo de morrer nos força a viver – a nos relacionarmos, a procriarmos, a criarmos, a construirmos algo que nos transcendam”.

## **MATERIAL E MÉTODOS:**

Nosso estudo tem caráter bibliográfico e faz uso dos seguintes referenciais metodológicos para análise: “*A Menina Que Roubava Livros*” do escritor australiano Markus Zusak, onde a história acontece na guerra de Hitler, momento do holocausto, onde o autor surpreende os leitores por inovar o narrador da história, sendo este, a Morte. Como base deste estudo, utilizamos a obra “*O Que é Morte*” de José Luiz de Souza Maranhão (1985), que aborda de forma crítica e provocante questões importantes como a “repressão da morte” na sociedade capitalista, a abreviação e o prolongamento da vida e as concepções filosóficas a respeito do morrer. Também foi utilizado o livro “*A Morte uma abordagem sociocultural*” de Júlio José Chiavenato, analisando a evolução da sociedade com a perspectiva do tema morte. Além disso, também recorreremos à versão cinematográfica do livro de Zusak que, com direção de Brian Percival, foi lançado no ano de 2014. Tendo, pois, estudado estas obras, procedemos pela análise filosófica que abrange os

aspectos observados pela narradora, na busca de ilustrarmos as interpretações que buscávamos a partir das indagações introduzidas no tópico anterior.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

### 1. Uma narradora - a Morte:

Com um olhar atento ao século XXI, não se faz preciso ser um grande filósofo para constatar que, hoje em dia, morrer como antigamente não é mais um ato contínuo nesta geração. Segundo Maranhão, no seu livro “*O Que é Morte?*” (1986), no capítulo “Não se morre mais como antigamente” ele nos relata que:

Não se morria sem antes se ter tido tempo para saber que se ia morrer. O homem tinha consciência do seu fim próximo, seja porque o reconhecia espontaneamente, seja porque cabia aos outros adverti-lo (MARANHÃO, 1986, p. 11).

A experiência da morte não foge ao nosso conhecimento, pois temos a visão dos outros que morrem e temos a consciência de que a vida é uma progressiva sujeição à morte. No âmbito da literatura, pode-se dizer que o escritor Machado de Assis configura o reaparecimento do narrador, de forma a fazê-lo vivo (embora morto), na obra “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”. Porém, a leitura nos oferece as memórias de um morto, que, em espírito, relata suas aventuras e desventuras de vida. Na obra de Zusak, é importante evidenciar que o narrador estaria vivo, apesar de se tratar da Morte. Uma Morte que reflete as experiências, não ações que presencia, onde não apenas atua, mas observa e relata a presença dos coadjuvantes. De uma forma poética ela relata:

Primeiro as cores.  
Depois os humanos.  
Em geral é assim que vejo as coisas.  
Ou, pelo menos, é o que tento.  
Eis um pequeno fato.  
Você vai morrer.  
(ZUSAK, 2007, p. 8).

Nesta essência da preocupação de uma saudação, o narrador de “*A Menina Que Roubava Livros*” é primoroso, pois, sendo a Morte uma das protagonistas desta obra, esteve presente em todos os episódios que narra: ela (a

Morte) é nada mais, nada menos, que a personagem principal da trama em todas as guerras e, em específico, na narrativa de que ora tratamos. Eis que a Morte é uma conselheira aos seres mortais por meio das suas reflexões decorrentes do seu trabalho que é ocasionado/ativado pelos próprios humanos. Portanto, nossa narradora indaga, dentro dos seus conselhos, a vivência do ser humano num espaço de tempo cibernético, desumano e opaco. Tempo-espaço ocupado por indivíduos fragilizados e solitários. Desta forma, a Morte expressa suas observações em meio ao caos do mundo, como se visualiza na seguinte passagem:

As pessoas só observam as cores do dia no começo e no fim, mas para mim, está muito claro que o dia se funde através de uma multidão de matizes e entonações, a cada momento que passa. Uma só hora pode consistir em milhões de cores diferentes. Amarelos céreos, azuis borrifados de nuvens. Escuridões enevoadas. No meu ramo de atividade, faço questões de notá-las. (ZUSAK, 2007, p. 10).

Mas que Morte é essa que persiste em fazer uma apresentação cordial? Eis as questões: quase amiga, quase humana, quase viva? Fragilizada com as iminências dos seres humanos? Quem teria medo de uma Morte assim? Esta tão quase viva que respira: “Lembro-me claramente de que estava respirando alto nesse dia” (ZUSAK, 2007, p. 14). Uma personagem-narradora que se emociona e que emociona; que para contar a história da Roubadora de Livros, apresenta-se com personalidade: “— É claro, uma apresentação. Um começo. Onde estão meus bons modos?” (ZUSAK, 2007, p. 9). Algo que gosta de sabores e cores, que aprecia as coisas bonitas e esbanja cordialidade: “[...] Basta dizer que em algum ponto do tempo, eu me erguerei sobre você, com toda cordialidade possível. Sua alma estará em meus braços” (ZUSAK, 2007, p. 9-10). Talvez se o ambiente do mundo cheio de corpos sem vida a serem recolhidos, ao qual a obra é condicionada, fosse outro, a narradora intelectual seria ainda bem humorada. Mesmo assim, expõe suas anedotas, porque tece reflexões quase risíveis e outras muito profundas em relação ao ser em geral, e o humano em um caso particular.

Recordemos o aforismo “você vai morrer” (ZUSAK, 2008, p. 9), afinal a morte é uma etapa da nossa existência com a qual temos que conviver e não podemos evitá-la. No livro “*O Que é Morte?*” Maranhão informa que “Relativizando todas as condições sociais, a morte nos mostra a absoluta igualdade entre os homens, nivelando-os ao mesmo destino” (MARANHÃO, 1986, p. 21). O inusitado e menos trivial, no entanto, é os seres humanos dialogarem com a Morte sobre as idiossincrasias da própria morte. Mesmo assim, nossa narradora enfatiza que não é necessário temer nada,

porque ela pode ser tudo, “menos injusta” (ZUSAK, 2007, p. 9). Por consequência, a Morte se encontra, numa guerra, onde no cenário o que há demais para recolher são corpos sem vida. Sendo assim, o trabalho da nossa narradora é pesado, duro, mas ela pausa para respirar ou parece respirar, quando comunica ao leitor sobre seus modos de levar consigo uma alma:

Nesse momento, você estará deitado(a). (Raras vezes encontro pessoas em pé.) Estará solidificado(a) em seu corpo. Talvez haja uma descoberta; um grito pingará pelo ar. O único som que ouvirei depois disso será minha própria respiração, além do som do cheiro de meus passos (ZUSAK, 2007, p.10).

Talvez, alguém pergunte diante da obra “*A Menina Que Roubava Livros*”: que novidade há na Segunda Guerra Mundial? De fato, as diversas formas de relatar o extremo da injustiça numa guerra que gerou tristeza, fome, temor e, principalmente, por muitos, a falta de esperança:

O ser humano não tem um coração como o meu. O coração humano é uma linha, ao passo que o meu é um círculo, e tenho a capacidade interminável de estar no lugar certo na hora certa. A consequência disso é que estou sempre achando seres humanos no que eles têm de melhor e pior. Vejo sua feiúra e beleza, e me pergunto como uma mesma coisa pode ser as duas. Mas eles têm uma coisa que eu invejo. Que mais não seja, os humanos têm o bom senso de morrer (ZUSAK, 2007, p. 426).

Mas quem dessa vez está contando a história? Percebe-se, então, que o fato de a Morte ser a narradora, confere à obra a novidade que faltava nos dias atuais, nos quais tudo é descartável e efêmero.

## **2. Liesel Meminger – a roubadora de livros – e uma narradora de sua obra:**

No decurso de tempo entre os anos de 1939 e 1943, Liesel Meminger presenciou acontecimentos na sua vida que se situavam em uma Alemanha tomada pela guerra nazista. Durante este período, Liesel encontrou a Morte (narradora do livro da roubadora de livros), três vezes, e em todas, ela saiu ilesa, onde a própria Morte tenta explicar a si mesma, que no caso de seres humanos como Liesel, “Às vezes eu chego cedo demais. Apresso-me, e algumas pessoas se agarram por mais tempo à vida do que seria esperável.” (ZUSAK, 2007, p. 15). Dessa forma nossa narradora nos informa:

[...] São os humanos que sobram. Os sobreviventes. É para eles que não suporto olhar, embora ainda falhe

em muitas ocasiões. Procuo deliberadamente as cores para tirá-los da cabeça, mas, vez por outra, sou testemunha dos que ficam para trás, desintegrando-se no quebra-cabeça do reconhecimento, do desespero e da surpresa. Eles têm corações vazados. Têm pulmões esgotados. O que, por sua vez, me traz ao assunto de que lhe estou falando esta noite, ou esta manhã, ou seja lá quais forem a hora e a cor. É a história de um desses sobreviventes perpétuos – uma especialista em ser deixada para trás. Vi três vezes a roubadora de livros. (ZUSAK, 2007, p. 10-11).

A Morte relata que o primeiro contato com Liesel foi quando “A roubadora de livros e seu irmão estavam viajando para Munique, onde logo seriam entregues a pais de criação.” (ZUSAK, 2007, p. 23); “[...] O segundo olho acordou de um salto e ela me flagrou, disso não tenho dúvida.” (ZUSAK, 2007, p 24). A segunda vez foi no momento mais escuro antes do alvorecer quando um avião caiu onde:

Primeiro chegou o menino, com a respiração desordenada e que parecia ser uma caixa de ferramentas. Com grande inquietação, aproximou-se do *cockpit*<sup>3</sup> e observou o piloto, avaliando se estava vivo, o que aliás ainda estava, àquela altura. A roubadora de livros chegou talvez trinta segundos depois. Anos se haviam passado, mas eu a reconheci. Estava arfante. (ZUSAK, 2007, p. 15).

E a terceira e última vez que a Morte encontrou a roubadora de livros:

Na última vez que a vi, estava vermelho. O céu parecia uma sopa, borbulhando e se mexendo. [...] Claramente, eu a vi. Estava prestes a ir embora, quando a encontrei ajoelhada. Uma cordilheira de escombros fora escrita, desenhada, erigida à sua volta. Ela estava agarrada a um livro. [...] Ela deixou cair o livro. Ajoelhou-se. A roubadora de livros uivou (ZUSAK, 2007, p.17-18).

Entre a relação, que duraram anos, da Morte e a Roubadora de livros, em algum momento surgirá esta indagação: Por que uma menina que rouba livros tem o poder de seduzir a Morte? Bem, “[...] num de meu vasto sortimento de bolsos, guardei sua história para contar. Se quiser, venha comigo. Vou lhe mostrar uma história. Vou lhe mostrar uma coisa.” (ZUSAK, 2007, p. 19).

A Morte – que nos tempos de guerra tem muito trabalho – resolve observar Liesel de perto, e é justamente ela que nos conta a história da menina, mesclando formas narrativas diversas, inserindo histórias dentro de histórias. A vida da nossa roubadora se passa na Rua Himmel (Céu), onde se debruçará com vários personagens singulares. O que cativa a Morte diante de um ser humano – neste caso uma roubadora – é que Liesel traz a novidade de amar

<sup>3</sup> Espaço onde se aloja o piloto nos aviões, nos carros de corrida ou em algumas embarcações. (83) 3322.3222  
contato@joinbr.com.br

mesmo que as turbulências existentes na sua vida, tenha lhe pontilhado de danos e perdas. Porém, consegue a proeza de reconstruir seu espírito com instrumentos que parecem ser frágeis: palavras. Apenas palavras.

Lemos para nos encontrarmos. Em outra análise, diríamos que lemos porque precisamos visualizar palavras que gostaríamos de escrever. Em questão, a nossa narradora guardou e leu o livro “A Menina Que Roubava Livros”, pela curiosidade em saber mais sobre os seres humanos e principalmente por Liesel ter sido um dos poucos humanos que se desviam da hora de partir.

Nossa narradora não anseia em relatar o dia que visitou a Rua Himmel:

Antes, houvera crianças pulando amarelinha ali, na rua que lembrava páginas manchadas de gordura. Quando cheguei, ainda era possível ouvir seu eco. Os pés batendo no chão. As vozes infantis rindo, e os sorrisos feito sal, mas se estragando depressa. Depois, bomba. Dessa vez, foi tudo tarde de mais. As sirenes. Os gritos malucos no rádio. Tudo muito tarde. (ZUSAK, 2007, p. 17).

A forma como a Morte se apresentou diante dos seres mais próximos de Liesel, é o que predomina esse vínculo com a roubadora de livros. Aquele ser humano que tratou em vida de lutar pelas virtudes humanas, neste caso Hans Hubermann – pai adotivo de Liesel – possuía uma alma mais leve que de uma criança. E quando a Morte veio busca-lo sentiu seu desejo por uma última melodia em seu acordeom e escutou seu último pensamento: Liesel. E quanto as inocentes crianças nossa narradora ainda acrescenta que leu os sonhos mais simples e então, beijou a mãe deles. E sobre Rudy – o garoto que sonhava por um beijo da nossa roubadora de livros – a Morte revela que o menino morreu declarando seu amor por Liesel onde a sua alma apenas deslizou aos braços dela. No decorrer da obra, a Morte paralelamente ainda relata “Os Diários da Morte”, em que a narradora conta sua perspectiva entre os humanos e a guerra.

Diário da Morte - 1942:

Foi um ano para ficar na história, como 79 ou 1946, para citar apenas alguns. Esqueça a foice, diabos, eu precisava era de uma vassoura ou um rodo. E precisava de umas férias. [...] Muitos seres humanos, muitas cores. Dizem que a guerra é a melhor amiga da morte, mas devo oferecer-lhe um ponto de vista diferente a esse respeito. Para mim, a guerra é como aquele novo chefe que espera o impossível. Olha por cima do ombro da gente e repete sem parar a mesma coisa: “Apronte logo isso, apronte logo isso.” E aí a gente aumenta o trabalho. Faz o que tem ser feito. Mas o chefe não agradece. Ped



mais (ZUSAK, 2007, p. 271-273).

#### Diário da Morte – Colônia:

Tenho certeza que Liesel Meminger dormia a sono solto quando mais de mil bombardeios voaram para um lugar chamado Colônia. Quinhentas almas. Carreguei-as nos dedos, feito malas. Ou então as jogava por cima do ombro. Só as crianças foi que levei no colo (ZUSAK, 2007, p. 295).

#### Diário da Morte – os parisienses:

Veio o verão. Para a menina que roubava livros, tudo corria bem. Para mim, o céu era da cor dos judeus. Quando seus corpos acabavam de vasculhar a porta em busca de frestas, as almas subiam. Depois de suas unhas arranharem a madeira e, em alguns casos, ficarem cravadas nela, pela pra força do desespero, seus espíritos vinham em minha direção, para meus braços e galgávamos as instalações daqueles chuveiros, escalávamos o telhado e subíamos para a largueza segura da eternidade. E continuavam a me alimentar. Minuto após minuto. Chuveiro após chuveiro. Nunca me esquecerei do primeiro dia em Auschwitz, da primeira vez em Mauthausen. Nesse segundo local, com o correr do tempo, também passei a pegá-los no fundo do grande penhasco, onde suas fugas acabavam terrivelmente mal. Havia corpos quebrados e meigos corações mortos. Ainda assim, era melhor do que o gás. Alguns deles eu apanhava ainda a meio caminho da descida. Salvei você, pensava comigo mesma, segurando suas almas no ar, enquanto o resto de seu ser – suas carcaças físicas – despencava na terra. Eram todos leves, como cascas de nozes vazias. E um céu enfumaçado nesses lugares. O cheiro fazia lembrar uma fornalha, mais ainda muito frio. Eles eram franceses, eram judeus, e eram você (ZUSAK, 2007, p. 305-306).

Finalmente a Morte menciona que ninguém vive para sempre, mas a respeito daqueles, como a nossa incrível roubadora de livros, que vivem intensamente a vida de modo feliz, digno e honrável, ainda que diante das grandes tribulações e dores que alguém possa suportar, o discurso volta a afinar-se:

*∴ UM ÚLTIMO FATO ∴  
Devo lhe dizer que  
a menina que roubava livros  
só morreu ontem.*

A roubadora de livros escreveu sua história e a Morte a narrou, ensinando aos humanos que “[...] constantemente superestimo e subestimo a raça humana – que raras vezes simplesmente a *estimo*.” (ZUSAK, 2007, p. 478). A propósito, por fim, nossa narradora conclui:

Tudo que pude fazer foi virar-me para Liesel Meminger e lhe dizer a única verdade que realmente sei. Eu a disse à menina que roubava livros

e a digo a você agora. UMA ÚLTIMA NOTA DE SUA NARRADORA: *Os seres humanos me assombram* (ZUSAK, 2007, p. 478).

## CONCLUSÃO:

É indiscutível que a escolha de Zusak em eleger a Morte como narradora de sua obra possa proporcionar a indagação: Por que a Morte faz narrativas sobre mortes? Uma das principais respostas seria que, abordando o tema sobre “morte” pela perspectiva da Morte, expande a visão dos seres humanos, que por vivenciar em um mundo conturbado pelo costume que a morte é terrível, devastadora e impiedosa, não percebem que a Morte é sábia. Nossa narradora traz consigo aquela sabedoria presente em nós, seres humanos, que divergem nos pensamentos em relação ao tempo; porém contrariamente a Morte não tem pressa, principalmente essa com que deparamos na obra *A Menina Que Roubava Livros*.

Durante toda a narrativa do livro, a personagem-narradora explica-se a si mesma, sustenta a sua necessidade e sua existência, por um único motivo: os humanos. Tal explicação é baseada pelas poucas existências de seres humanos que cativam nossa narradora, e a roubadora de livros consegue despertar o lado cordial, educado e dissemelhante da nossa narradora, ainda confirmando a única verdade que a Morte sabe: os seres humanos a assombram. Eis aí (talvez) a razão ou uma das principais entre outras muitas razões desta personagem ser a narradora da obra de Liesel Meminger, pois por meio deste vínculo ela demonstra suas virtudes, nos diverte, ensina e demonstra que é mais popular do que julga nossa vã filosofia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ZUSAK, Markus. **A Menina que Roubava Livros**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007. 480p.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O Que é Morte**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 78p.

CHIAVENATO, Júlio José. **A morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Moderna, 1998. 126p. il. (Coleção polêmica).

**A Menina Que Roubava Livros**. Direção: Brian Percival. Produção: Ken Blancato e Karen Rosenfelt. Estados Unidos: Studio Babelsberg, Sunswept Entertainment e TSG Entertainment, 2013. 131 mim bobina cinematográfica.